

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
EDUARDO SERRA, “INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ”
16 e 22 de julho de 2025

FUNNY BONES / 1995
(*Comédia Louca*)

Um filme de Peter Chelsom

Realização e Argumento: Peter Chelsom / *Direção de Fotografia:* Eduardo Serra / *Montagem:* Martin Walsh / *Produção:* Peter Chelsom, Simon Fields / *Coprodução:* Laurie Borg / *Produção Associada:* Peter McMillan, Lester Berman / *Produção Executiva:* Nicholas Frye / *Design de Produção:* Caroline Hanania / *Direção Artística:* Andrew Munro, Karen Wakefield (“standby art director”) / *Música:* John Altman / *Decoração:* Tracey Gallacher / *Guarda-roupa:* Lindy Hemming / *Mistura de Som:* Peter Lindsay / *Assistência ao Som:* Mike Trussler / *Interpretações:* Oliver Platt (Tommy Fawkes), Jerry Lewis (George Fawkes), Lee Evans (Jack Parker), Leslie Caron (Katie Parker), Richard Griffiths (Jim Minty), Sadie Corre (Poodle Woman), Oliver Reed (Dolly Hopkins), George Carl (Thomas Parker), Freddie Davies (Bruno Parker), Ian McNeice (Stanley Sharkey), Christopher Greet (Lawrence Berger), Peter Gunn (Nicky), Gavin Millar (Steve Campbell), William Hootkins (Al), Terence Rigby (Billy Man), Ruta Lee (Laura Fawkes) / *Cópia:* 35 mm, cor, falado em inglês e em francês, com legendas em sueco e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 120 minutos / *Estreia Mundial:* 24 de março de 1995, Nova Iorque / *Estreia Nacional:* Janeiro de 1997 (em vídeo) / *Primeira passagem na Cinemateca.*

A ideia de espetáculo perpassa este como muitos outros filmes do britânico Peter Chelsom, nomeadamente a sua primeira longa-metragem **Hear My Song** (1991), obra que lhe vai abrir as portas para a produção mais ambiciosa **Funny Bones**. Uma ambição traduzida no facto de esta ser uma produção transatlântica – inglesa e norte-americana – e por nela figurarem, como cabeças de cartaz, nomes de peso de um já longínquo cinema romântico, glamoroso e, lá está, “espetacular” que, em 1995, não passava de uma miragem: Leslie Caron (presença luminosa ao longo do filme), Oliver Reed (papel com pouco nexos que terá sido encolhido grandemente na montagem final) e Jerry Lewis (o grande homenageado aqui). Outros palcos são objeto de veneração e tributo nas personagens dos Parker Brothers, interpretadas por George Carl e Freddie Davies, porquanto Chelsom ensaia uma grande vénia a todos os *performers* do *vaudeville*, das nobres artes feirais e circenses. Toda uma linhagem se constitui, mas, reforço, a centralidade pertence, quase por inteiro, à figura cinematográfica de Jerry Lewis por interpretar um “king of comedy” universalmente conhecido e reconhecido, cujo sucesso constrange e assombra a vida do filho, Tommy, um comediante à procura de uma chance para brilhar, interpretado por Oliver Platt.

É um filme sobre um muito literal regresso às origens no caso desse comediante frustrado, que não se consegue desembaraçar do peso da herança deixada por seu pai, e que precisará de viajar de Las Vegas para a sua cidade natal de Blackpool, no Reino Unido, para desvendar enigmas e resolver essa má relação com a sua história familiar, pois, só assim, começará a “resolver-se” a si mesmo. O retorno ao berço acontece, de maneira menos literal, quer dizer, mais histórica e metafórica, por ser aí que o protagonista vai (re)descobrir as manifestações mais antigas da arte cômica, tanto nas atrações de feira como na arena do circo. É ainda neste âmbito primeiro ou, digamos, “primitivo” que se dará de caras com o talento puro de um rapaz especial levando uma vida dura e, naquele momento, envolvido numa história de contornos rocambolescos e macabros

motivada pela caça a um conjunto de “ovos mágicos”. Lee Evans, o comediante britânico com dotes de acrobata, tem a sua estreia na longa-metragem precisamente interpretando Jack Parker, essa espécie de *alter ego* britânico do já perfeitamente americanizado Tommy. Encarnar a personagem de Jack Parker significa responder à questão: e se Tommy tivesse permanecido em Blackpool, como seria e teria evoluído a sua arte cômica? Chelsom já teria “pano para mangas” se se concentrasse nesta “relação em espelho” separada por um oceano e atravessada por um complexo de Édipo por decifrar e resolver, mas a tentação é grande para complicar, muitas vezes *surrealizando*, a narrativa. A história, francamente dispensável, em torno dos ditos “tesouros” atravessa-se de tal maneira que o foco principal do drama vai perdendo fôlego.

Há o problema da vocação ou não de Chelsom para a comédia e a relação deste com a figura paterna, e há ainda a história mal contada do passado familiar ambientado em Blackpool. Acresce a homenagem ao burlesco, com alguns inspirados números cômicos, exemplo da *performance* de Lee Evans excedendo-se na sua “lip-sync comedy” baseada numa série de fragmentos radiofónicos, num claro piscar de olho aos primórdios, pré-cinematográficos, da carreira de Jerry Lewis, que nos seus verdes anos ganhou notoriedade graças ao seu “record act”, ou mais diretamente ao seu memorável “concerto mudo” em **The Bellboy** (1960). E, depois, claro, há o enredo *à la* **The Pink Panther** (1963) em torno dos ditos ovos, que, de tão desinteressante que é, acaba por reduzir a presença de Oliver Reed à mera condição de *bibelot* na história. A ideia de “salganhada” ajusta-se a esta generalizada falta de rumo com cerca de duas horas de duração. Ao mesmo tempo, nunca chega a convencer o sentimento de pertença de todas estas lendas do cinema e do *showbiz* a Blackpool, ficando claro, desde o início, ser ali que Chelsom se sente à vontade e que é quando está mais próximo da memória e raízes daquele lugar – das suas gentes, dos seus palcos e da sua paisagem, tudo elementos fotografados pelo português Eduardo Serra de maneira sóbria – que **Funny Bones** adquire alguma relevância dramática e cinematográfica.

Luís Mendonça